

## Gênero discursivo *funk* x estímulo sexual na infância: diferenças entre os gêneros feminino e masculino

### RESUMO

O presente trabalho aborda a relação da erotização da criança perante o estilo musical *funk*. Pretendeu-se analisar se esse gênero discursivo estimula a sexualidade precoce das crianças e se há diferenças em relação aos gêneros feminino e masculino. A metodologia se deu a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, que buscou apresentar os resultados obtidos mediante a análise de três vídeos envolvendo duas crianças e o *funk*, ambos cantores mirins sendo uma menina e um menino. Os dados analisados evidenciam que os cantores mirins têm certa liberdade de expressão, diante das cantoras mirins que são mais observadas, sofrendo forte pressão por parte da sociedade. Ainda que o teor dessas músicas e a maneira como ela expõe o corpo da criança, não são apropriadas para nenhuma delas, independentemente do gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância; Sexualidade; *Funk* ostentação; Erotização.

**Marta Claudiane Ferreira**

E-mail: martacfale@gmail.com  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

**Danielle Abreu Silva**

E-mail: abreu.danni@gmail.com  
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil.

**Rosilaine da Silva Mattos**

E-mail: rosimmattos74@gmail.com  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

**Aline Miranda da Silva**

E-mail: alineni791@gmail.com  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

**Josiane Peres Gonçalves**

E-mail: josiane.peres@ufms.br  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O *Funk* surgiu na década de 1960 pelo cantor James Brown, nos Estados Unidos da América, e nasceu a partir de uma junção, em que “Brown misturou a musicalidade do *rhythm & blues*, a alegria dançante do gospel e acrescentou ‘temperos’, muitas vezes picantes e ácidos oriundos diretamente da cultura afro-americana”, conforme salientam José Geraldo Rocha e Rodrigo Correia Cardoso (2016, p. 47).

Por ter se tornado um ritmo envolvente, o *Funk* logo se expandiu, ganhando a aceitação de vários grupos de sujeitos e, em meados da década de 1970, chegou ao Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro. A partir desse momento, o estilo musical passou por diversas transformações, sendo influenciado de acordo com a cultura de cada região e também de ritmos internacionais como o hip hop, o electro, o rap entre outros. Resultando em um hibridismo onde se destacou, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro o *Funk* “Proibidão” e em São Paulo, o *Funk* “Ostentação” (PEREIRA, 2014).

Pode-se considerar que, ambos os estilos possuem suas próprias características e públicos que se identificam com tais letras e ritmos. Destacando mais particularmente o *Funk* Ostentação, é possível salientar que, além da elevada proporção midiática que o estilo alcançou em nível nacional no ano de 2011, o que mais chama atenção nesse gênero discursivo são alguns aspectos como: o consumo exagerado de acessórios aparentemente feitos de metais preciosos como o ouro, por exemplo; a sensualidade e sexualidade presente nos vídeos, que no geral são cenas de mulheres curvilíneas dançando e exibindo seus corpos seminus; mansões e marcas muito caras de bebidas, roupas, sapatos, carros, motos e moradias (PEREIRA, 2014).

Nessa premissa, cabe entender qual lugar, homens e mulheres ocupam no estilo musical *Funk* Ostentação. A mulher utiliza-se do corpo e como forma de se promover dançando e cantando, de maneira sensual e provocativa e o homem no geral ao cantar exibe seus bens materiais com o intuito de reafirmar sua masculinidade, exibindo “suas” posses materiais de alto valor e aparecem muitas vezes com mais de uma mulher nos vídeos. De acordo com Ruth Sabat (2001) e Juliana Ribeiro Vargas e Rodrigo Saballa de Carvalho (2016), essas e outras representações de gênero que esse estilo proporciona e reforça, pode ser categorizada como uma pedagogia cultural, por regular maneiras de agir e pensar em certas sociedades.

Marlécio Maknamara (2020, p. 59, grifos nossos), se baseia em Henry Giroux (2001) e nos chama a atenção para os artefatos culturais, que educam também fora da escola, visto que:

Os diferentes artefatos como a televisão, o cinema, os jornais, a literatura, o rádio, as revistas, os brinquedos, a música, etc, passam a ser vistos, nas palavras de Giroux (2001), como “máquinas de ensinar”. No deslocamento engendrado por tais máquinas, são aprendidas novas habilidades, capacidades, modelos de sociabilidade e afetividade.

Dessa forma, o estilo discursivo *funk* que veicula por esses artefatos, contribui para esse acesso da aprendizagem dos sujeitos atuando como um “currículo cultural” (MAKNAMARA 2020, p. 59). E nesses artefatos, a “cultura da mídia” nos proporciona padrões dicotomizados de ser homem e ser mulher na sociedade e a

diversidade do feminino e masculino implica em diferenciar o “fracassado do bem-sucedido, o poderoso do impotente”, como aponta Douglas Kellner (2001, p. 9), bem como diferenciar a magra da curvilínea, a sedutora da sem graça e etc., resultando em “um produto social, o local no qual o significado é negociado e fixado, em que a diferença e a identidade são produzidas e fixadas, em que a desigualdade é gestada”, segundo Marisa Costa (2005, p. 138). Corroborando com essa ideia, e baseando-se em Karolina Sanches Pavão e Fernanda Bonizol Ferrari (2019), podemos dizer que o *funk* é mais que:

Um ritmo musical, hoje o *funk* é reconhecido como “um movimento cultural e musical de caráter popular” pela Lei nº 5.543/2009, e traz em suas letras discursos que apontam questões como a violência, dentro e fora das comunidades, a vivência erótica e manifestações socioculturais (PAVÃO; FERRARI, 2019, p. 11).

Nessa esfera, para os simpatizantes das amostras culturais que esse estilo musical proporciona, as identidades de gênero e as manifestações da sexualidade imbricadas nesses sujeitos se inter-relacionam e estruturam a forma de ser dos indivíduos a partir da linguagem utilizadas nas letras que produzem significados subjetivos e podem reforçar estereótipos e preconceitos.

Ademais, é preciso considerar que, conforme Goiacira Nascimento Segurado Macêdo (2003, p. 2), o próprio conceito da “[...] palavra gênero não surge do nada, ela é resultado da construção social que se constitui na história”. Apesar de em tempos históricos ser considerado um conceito novo, muito já se tem produzido em termos de resultados, por meio de pesquisas científicas. Autoras renomadas no campo surgiram e algumas, como Silvia Federici (2019) e Heleieth Safiotti (1997), discutem a “liberdade da mulher”, porque historicamente o gênero feminino foi privado dos assuntos considerados inapropriados impostos pela sociedade, as mulheres que antes ficavam com a obrigação dos afazeres domésticos, foram cada vez mais se inserindo em outros contextos sociais.

A imersão das mulheres no *funk* não foi diferente, em termos de conquistar espaços. Segundo Patrícia Luisa Nogueira Rangel, Patrícia Ferreira Coelho e Vanessa Ribeiro Teixeira (2017), foram fazendo uso de uma linguagem machista que tinha a mulher como objeto de desejo e submissão em suas letras. Assim, Natália Vera Duarte (2016) ressalta que as mulheres conseguiram seu espaço, projetando a sensualidade de seus corpos, como o próprio gênero musical pede, mas agora invertendo e ressignificando papéis.

Elas que, na década de 1990, período do surgimento do *funk* sensual, eram meras expectadoras ou dançarinas estereotipadas em sua caracterização, na virada do milênio passaram a ser também compositoras, num contexto em que:

[...] o *funk* adquire novas características e a participação feminina, ocorrendo sob outras perspectivas, é uma das mais relevantes. Se antes seu protagonismo era apenas como tema das letras tão erotizadas, agora elas assumem a autoria de tais letras e passam a figurar como cantoras (PAVÃO; FERRARI, 2019, p. 15).

Todavia, não ficando restritas neste campo, as mulheres *funkeiras* vislumbraram no gênero musical uma possibilidade de serem percebidas pela mídia e sociedade, não mais como objetos e corpos fadados a proporcionar prazer aos homens. O protagonismo feminino adquire também proporção nacional no

*funk* exibindo muitas vezes uma mensagem com ideais feministas nas letras cantadas por elas.

Portanto, além de ser um modo de expressão cultural, o *funk* possibilitou uma certa libertação do patriarcado no modo de agir e ser da mulher, como apontam Rangel, Coelho e Teixeira (2017, p. 311):

[...] acreditamos que o empoderamento das mulheres pode ser entendido como o processo de conquista da liberdade de viver conforme se deseja, de conquista do poder de escolha, resultando na libertação das mulheres dos modelos patriarcais e, ainda, como um processo que as leva a reconhecer as estruturas que as oprimem, questionar essas estruturas, desnaturalizá-las, modificá-las e, finalmente, libertar-se da subordinação ao homem.

E, nesse cenário, com um ritmo extremamente sensual, hoje o gênero musical é considerado como cultura popular, por se entender que toda manifestação cultural pertence a um povo específico (ROCHA; CARDOSO, 2016). Assim, o *funk* não só permeia a imaginação dos ouvintes adultos, como também ganhou o gosto do público mais jovem como adolescentes, pré-adolescentes e até mesmo de crianças, que ouvem e se agitam ao som do *funk*. Surgindo nesse contexto, cantores mirins que fazem desse estilo musical sua fonte de renda e muitos deles sustentam suas famílias com o seu trabalho precoce e na maioria das vezes polêmico.

Com o surgimento de crianças cantoras do *funk*, levantou-se questionamentos e a preocupação da sociedade e autoridades, sobre o fato de que talvez este estilo musical possa estar aguçando precocemente a sexualidade dessas crianças, divergindo das leis e orientações vigentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), visto que, as crianças fazem shows e interpretam canções, cujas letras possuem teor erotizado, sexual, estereotipado e destinado a um público adulto, e então esse aspecto se torna um dos alvos mais específicos de críticas sociais.

De acordo com Jacqueline Sobral (2014), foi a cantora mirim de *funk*, MC Melody, que deu origem para tais questionamentos no Brasil, visto que seu pai, também MC, divulgava vídeos da filha na plataforma de compartilhamento *YouTube* com forte apelo sexual, o qual gerou inúmeras visualizações, levando a vários comentários negativos.

Ao abordar sobre os cantores mirins do sexo masculino dentro do gênero musical *funk*, esses questionamentos também ocorrem, mas parecem ser levados a “águas mornas” pelo Ministério Público que, diante da figura infantil feminina, prevalece uma forte cobrança com relação à sexualidade e sensualidade e até vestimentas da criança feminina (CÂMERA RECORD, 2015). Vale destacar que antes da polêmica com Melody nada se cobrava em termos de cumprimentos de leis dos empresários e responsáveis pelos cantores mirins meninos, que estavam alcançando sucesso nessa época, como foi o caso dos cantores mirins MC Brinquedo, que alcançou fama com a música “Roça, Roça”, MC Pickachu, com “Ela só quer pau”, MC Pedrinho, com “Dom, dom, dom”, entre muitos outros.

Ao buscar por cantoras mirins do *funk* no *YouTube*, a figura de MC Melody é sempre a que mais se destaca. Nesse meio, percebemos que, devido ao teor das músicas e as vestimentas que caberiam a MC mulher, e por se tratar de uma criança, o mercado se fecha e as leis vigentes de proteção à criança e ao adolescente funcionam. Nesse caso, o gênero feminino costuma ser mais cobrado

com relação ao que a sociedade com ideais normativos espera de uma mulher, do que aqueles que pertencem ao gênero masculino.

Todavia, cabe a reflexão do que é adequado ou não para uma criança, independentemente de seu gênero, haja vista que eles evidenciam nas letras cenas picantes de teor sexual, com respectivos atos que vão para além de suas idades. Vale lembrar que para Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes (2005) a sexualidade é:

Um elemento constitutivo da pessoa, é a dimensão e expressão da personalidade. Por ser um atributo inerente à pessoa humana, manifesta-se independente de qualquer ensinamento. Mas, para ser compreendida, é preciso considerar o ser pessoa como todo, pois a sexualidade é parte integrante e intercomunicante da pessoa consigo mesma e com o outro (FAGUNDES, 2005, p. 14).

Nota-se que a sexualidade é inerente ao ser humano, que fazem parte da vida das pessoas de todos os gêneros, mas em geral a sociedade percebe de forma diferente as manifestações da sexualidade de homens e mulheres. Diante desse fato, parecem confundir esses padrões sociais que divergem, no caso da criança menino e menina, pois parece ser “normal” um menino na tenra idade discursar sobre um “boquete bom” em uma canção, porque reforça e ocupa seu lugar de masculinidade na sociedade. Esses meninos garantem o sustento da sua família e a si próprio e então são incentivados a trabalharem exaustivamente, desde muito pequenos, não percebendo os malefícios que isso pode causar a eles em termos da preservação, proteção e da formação integralizada dessa criança.

Sendo assim, a pesquisa teve o propósito de analisar se o estilo musical *funk* estimula a sexualidade precoce das crianças e se há diferenças em relação aos gêneros feminino e masculino.

## METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica que tem a finalidade de investigar as diferentes contribuições científicas em relação ao tema proposto, é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*.

Além disso, todos os trabalhos científicos são iniciados a partir de uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já foi publicado previamente sobre a temática. Entretanto, João José Saraiva Fonseca (2002, p. 32) enfatiza que existem situações em que os estudos “[...] se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta”.

Essa pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo, e de acordo com Mirian Goldenberg (1999) a pesquisa qualitativa não se preocupa com valor numérico, mas sim, com o estudo da compreensão de determinados grupos sociais.

Para a realização do estudo, tivemos como critério de escolha analisar vídeos de cantores mirins que no ano de 2019 ainda fossem menores de 14

anos de idade, buscou-se também apresentar os resultados obtidos a partir da análise de três videoclipes, tendo como conteúdo: *Funks* interpretados por dois cantores mirins, sendo que no ano de publicação dos videoclipes o menino (MC Doguinha) tinha 12 anos de idade em 2017 e a menina (MC Melody) 8 anos em 2015. Destacamos que, em um dos videoclipes, a cantora mirim aparece dançando representando sensualidade em um baile *funk* no qual o pai era o cantor, sendo o que mais viralizou na internet, provocando muitas críticas de autoridades e da população em geral.

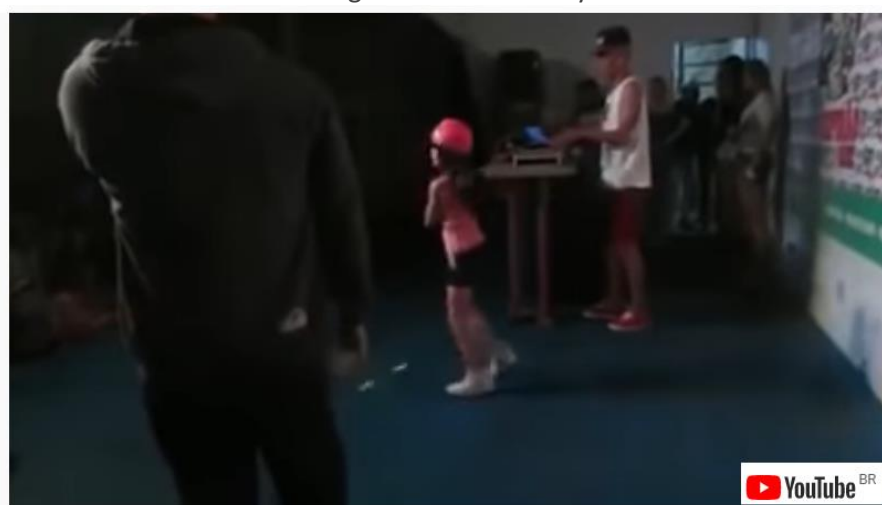
Nesse cenário, destacamos a importância de se discutir essa temática para que possa ser respeitado o desenvolvimento integral de cada criança e não de adultos em miniatura, como propõe Philippe Ariès (1981), para que a leis de proteção as crianças e adolescentes funcionem de fato tanto para meninas como também para meninos.

### DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Ao analisar três videoclipes divulgados na plataforma do *YouTube*, interpretadas por dois cantores mirins, pôde-se vislumbrar de que maneira as autoridades, celebridades formadoras de opinião e o público em geral percebem a performance desses cantores aos holofotes da mídia. E até que ponto essas letras musicais e a maneira como os dois cantores se comportam, influenciam no desenvolvimento precoce da sexualidade e colocam em risco a segurança e integridade dessas crianças.

O primeiro videoclipe analisado foi o da cantora mirim MC Melody, que segundo várias reportagens disponíveis na internet, foi esse vídeo que provocou uma grande polêmica que englobou também os cantores mirins que até então, vinham cantando *funk* de teor adulto e nada se falava sobre o assunto, segundo Ricardo Senra (2015).

Figura 1 – MC Melody



MC MELODY AO VIVO PART MC BELINHO

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=sUL\\_TwVA3uE&t=14s](https://www.youtube.com/watch?v=sUL_TwVA3uE&t=14s)

No referido vídeo, a menina de oito anos aparece dançando em um baile *funk* uma música cantada pelo pai que também é MC, o vídeo viralizou, provocando discussões diversas e chamando atenção de personalidades influentes da mídia e do Ministério Público de São Paulo. Apesar de considerarmos a dança, o ambiente e o público inadequados para sua idade, o grande motivo de tamanha polêmica foi referente a representação da dança de conotação sexual feita pela menina (CÂMERA RECORD, 2015).

De acordo com Maria José Dozza Subtil (2011, p. 65), a criança imita essa representação da dança erótica e sexual, pois “[...] essas representações resultam de mediações operadas por sistemas simbólicos que têm origem social e revelam conhecimentos e vivências intra e interculturais, ou seja, o que é internalizado foi vivido antes socialmente”.

Em outra situação, MC Melody aparece em um videoclipe (ainda com oito anos, tendo como empresário e produtor o próprio pai), cantando a música “Fale de mim”, na produção musical a menina é a única personagem do vídeo, ela aparece com roupas do estilo *funk* “Ostentação” e também com vestimentas comuns a qualquer criança da sua idade. O cenário é simples e têm como adereços balões coloridos, ursos de pelúcia, um balanço enfeitado com flores demonstrando apesar da letra, meiguice e delicadeza, conforme destaca Ambrozina Amalia Coragem Saad (2005).

Figura 2 – Fale de Mim



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=snng2vuJ59g>

Esse último vídeo possui milhões de visualizações até o ano de 2019, o teor da música apresentada em apenas duas estrofes, que se refere a sua vida de fama e do “recalque” (inveja) que outras garotas (críticos da mídia) têm dela por possuir tal fama, assim a referida música tem a seguinte letra:



Quadro 1 – Letra da música “Fale de Mim”

Fale bem ou fale mal,  
Mas fale de mim.  
Eu não tenho culpa se você não é feliz.  
Eu entendo as recalcada,  
Que me ofendeu.  
Se eu fosse elas também queria ser eu.

Pra ser a top das top,  
A famosa Cinderela.  
Arlequina é estilosa,  
Matando as outras de inveja.  
Para todas as recalcada,  
Aí vai minha resposta.  
Enquanto tu fala mal,  
Eu tô ficando mais famosa.

**Compositora:** Melody

Fonte: <https://www.letras.mus.br/mc-melody/fale-de-mim/>

A letra aparentemente não possui conotação à sexualidade, a não ser talvez, pelo seu estilo ostentação que vezes ou outra aparece no videoclipe sendo um short mais curto e uma blusa mostrando o umbigo. Sua maneira de dançar não é provocativa como a de uma mulher *funkeira* adulta, sendo essa representada apenas em alguns passos de *funk* nada eróticos.

Na segunda estrofe ela faz referência a duas personagens de filmes famosos como “Cinderela” e “Arlequina”, dois clássicos representados por mulheres que muito divergem uma da outra em seus papéis e representações sociais, sendo a primeira uma princesa delicada que atende os padrões de beleza tidos como normativos e a segunda sendo uma rebelde que luta pelos seus direitos sem se importar com a opinião alheia (CASSEPP-BORGES, 2007).

Desse modo, o que de fato causa espanto e indignação da sociedade levando o Ministério Público de São Paulo a abrir um inquérito em 2015 para apurar se estaria havendo a “[...] violação ao direito, ao respeito e à dignidade de crianças” eram as performances nos vídeos que a garota aparecia imitando a dança de uma mulher adulta. Levando a família da menina a responder processo por expor a filha, e, para evitar maiores transtornos a menina teve seu *Instagram* com mais de um milhão de seguidores excluído e os pais da menina prometeram mudanças como um pedido de desculpas ao público (SENRA, 2015).

Durante os três anos seguintes, Melody foi afastada dos holofotes, voltando a carreira musical aos 11 anos de idade, mas ainda assim a cantora continua sendo alvo de polêmica devido à maneira como se veste, sendo criticada por *Youtubers* famosos como Felipe Neto (2017), e especulada pela mídia sobre a implantação de uma prótese de silicone nos seios e várias mudanças naturais que seu corpo vem sofrendo, e que são normais para sua idade.

Por fim, a menina que ainda é menor de idade, agora é de responsabilidade apenas da mãe que organiza e direciona sua carreira, e como consequência de



tanta polêmica o pai perdeu a guarda da filha e o direito de administrar sua carreira. A mãe em uma entrevista informou sobre a separação do casal e disse que não concordava com as atitudes do pai, com relação a carreira da filha, pois a partir daquele momento ela seria a responsável, dando a entender que tudo ficaria bem.

A terceira análise é o videoclipe performado por MC Doguinha, tendo como título “Vem e brota aqui na base”, publicado na plataforma do *YouTube* no dia 24 de outubro de 2017, tendo até o ano 2019 mais de 155 milhões de visualizações. Abaixo, segue uma imagem do vídeo e a letra da música:

Figura 3 – MC Doguinha



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=AzcBLCVcqV4>

Quadro 2 – Letra da música “Vem e brota aqui na base”

A novinha linda que mora aqui no lado,  
Ta cheia de papim no Whatsapp.  
Bumbum gostosão, corpo sedutor,  
Foi por isso que o Doguinha se encantou.

Vem e brota aqui na base,  
Vamos fazer sacanagem.  
Sei que você tem vontade,  
Então senta um pouquinho ...

**Compositor:** Kevin de Oliveira Zanoni

Fonte: <https://www.letras.mus.br/mc-doguinha/vem-e-brota-aqui-na-base/>

Nessa música, o garoto canta naturalmente frases como: “bumbum gostosão, corpo sedutor, foi por isso que o Doguinha se encantou”, se referindo a uma menina de corpo curvilíneo aparentando ter entre 15 e 16 anos de idade. A garota que é a respectiva “vizinha”, aparece no clipe de biquíni à beira de uma piscina e

segundo a música, é ela que está “cheia de papinho” com o garoto pela rede social do *WhatsApp*.

O cantor que inicialmente se expõe sem camisa com um aparente cordão de ouro e mostrando partes de suas roupas íntimas, chama a garota para “brotar na base”, se referindo ao seu carro de luxo e sua mansão, ambos de valor exorbitante. A música cantada pelo garoto possui partes que se referem ao sexo explícito como “vamos fazer sacanagem, sei que você tem vontade, então vem e senta um pouquinho”.

Doguinha em 2017 fazia, segundo o G1 Notícias, mais de 13 shows lotados por semana, sendo esse público em sua maioria adulto. O menino canta letras obscenas e totalmente inapropriadas para sua idade e com isso alcança fama e fortuna. Mas esse trabalho desgastante para um pré-adolescente diverge dos princípios da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que, no capítulo V art. 60 sanciona que “[...] é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz (Vide Constituição Federal)” (BRASIL, 1990, s.p.).

Sendo que, este não é o caso do menino, já que o mesmo canta profissionalmente realiza shows em casas noturnas, o que burla mais uma lei presente no art. 63 do mesmo documento que indica no item III que esse menor aprendiz deve ter um “[...] horário especial para o exercício das atividades”, que no caso não podem passar das 22h00min (BRASIL, 2017, p. 48-49).

O caso de MC Doguinha também chamou a atenção da mídia e das autoridades, porém, o garoto que já cantava desde os nove anos de idade não interrompeu sua carreira devido suas músicas de forte teor sexual e jornada de trabalho excessiva para um garoto, pois em como é exposto na matéria do *Câmera Record* esses *funkeiros* mirins já são provedores de suas famílias, pagam seus estudos e mantém uma vida de luxo, o que é visto pela sociedade como algo bom já que o “[...] menino está fazendo o que gosta” e os pais ainda afirmam que preferem seus filhos cantando essas músicas do fazendo coisas erradas (CAMERA RECORD, 2015).

Ao tratar do *funk* como incentivo a sexualidade na infância, percebe-se que aparentemente esse estilo musical tem esse poder já que no *Twitter* de MC Doguinha, ele fez a seguinte postagem: “[...] viciiei na sua sentada, só você que faz gostoso, então vamos marcar pra nós fazer de novo”, utilizando da linguagem obscena de sua música em sua rede social (NETO, 2018).

Já a manifestação da sexualidade da menina nesse caso foi mais protegida, levando a mesma a ser afastada da mídia durante algum tempo, sendo que nesses dois casos, tanto o conteúdo da música cantada por MC Doguinha, quanto da dança representada por MC Melody no baile *funk*, estão inadequadas para suas idades. Devendo as autoridades ter tomado as mesmas providencias para ambos, o que não foi o caso.

O que remetem as questões de gênero e as relações de poder (FOUCAULT, 1994), já que foi possível perceber que nesse caso o menino possui total liberdade de expressão nas mídias em que os *funks* circulam, mas já as meninas não, o que leva todo o conjunto social a produzir uma aréola protetora em volta dessa cantora mirim.

Fatores esses que reforçam valores de uma sociedade patriarcal e mesmo que o *funk* seja divergente e propague a liberdade, a estrutura social ainda é a mesma, pautada nas relações de poder no qual, para Heleieth Saffioti (1997), a sociedade está constituída por um sistema de simbiose na qual toda ela é dividida por classes sociais e uma vai oprimindo a outra, do mais forte para o considerado mais fraco, e isso engloba as cantoras e cantores mirins, pois os últimos no caso desse estudo ao que parece o poder hierárquico do homem sobre a mulher se estende para relação de meninos e meninas do *funk*.

E que, isso implica no fato de como os padrões normativos do que é ser homem e ser mulher, prevalecem também no cenário de forte apelo sexual do *funk*, sendo percebido através dessa investigação que o *funk* pode vir a incentivar o desenvolvimento precoce da sexualidade e até mesmo do ato sexual na infância, e que fazer 13 shows por semana para um público adulto para um garoto de 12 anos, está tudo bem, desde que ele seja homem e sustente a sua família, a si próprio e seja responsável.

Situações gritantes que fogem totalmente a realidade propostas por leis que foram criadas para a proteção dessas crianças em todas as esferas, assim é possível dizer que a criação de políticas públicas seria necessária, a fim de contribuir com o desenvolvimento integral e intelectual dessas crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente a presente análise buscou compreender como são tratadas as questões da erotização na infância por meio do gênero discursivo *funk*, e se isso pode de alguma maneira influenciar as crianças.

Após fazer o levantamento dos dados, foi possível perceber que existe certa hostilidade por parte da sociedade em relação aos cantores mirins desse estilo musical. Mas, que isso acontece mais frequentemente com as meninas, devido ao fato de que o corpo da mulher é como se fosse um “objeto” de desejo. E, é claro que sendo ela uma criança isso jamais poderia ocorrer, mas o cuidado com o corpo do menino *funkeiro* mostrou divergente, pois o MC, mesmo sendo um pré-adolescente, tem total liberdade de se expressar, tanto nas letras dos *funks* como nas mídias sociais.

Através dessa erotização, as letras das músicas tendem a ter cada vez mais conteúdos que fazem apologia ao sexo, e na maioria delas a mulher é colocada como um sujeito passivo, dando a entender que é inferior e que tem que estar pronta para satisfazer os mais variados desejos dos homens. Ao contrário dos cantores mirins homens, que são vistos como “machinhos pegadores” e que através dessa mesma erotização são tachados como ser viril autocontrolado e que expressa coragem sendo os provedores de suas famílias, atendendo aos padrões patriarcais dominantes na sociedade.

Em suma, vale ressaltar que a criança tem que ser percebida como um ser em construção, e que cabe a sociedade fazer uma reflexão do que é apropriado ou não para uma criança escutar ou fazer independentemente de seu gênero.

## Discourse genre funk x sexual stimulation in childhood: differences between female and male

### ABSTRACT

The present work deals with the relationship of the eroticization of the child towards the funk musical style. It was intended to analyze if this style stimulates the early sexuality of the children and if there are differences in relation to the feminine and masculine genders. The methodology was based on a qualitative research, which sought to present the results obtained through the analysis of three videos involving two children and funk, both child singers being a girl and a boy. The data analyzed show that the child singer has some freedom of expression, in front of the child singers who are most observed, under strong pressure from society, although the content of these songs and the way she exposes the child's body are not appropriate for any of them, regardless of gender.

**KEYWORDS:** Childhood; Sexuality; Ostentation funk; Eroticization.

## Discurso de gênero funk x estimulação sexual en la infancia: diferencias entre mujeres y hombres

### RESUMEN

El presente trabajo aborda la relación de la erotización del niño con el estilo musical funk. Se pretendía analizar si este estilo estimula la sexualidad temprana de los niños y si existen diferencias en relación con los géneros femenino y masculino. La metodología se basó en una investigación cualitativa, que buscó presentar los resultados obtenidos a través del análisis de tres videos que involucraban a dos niños y al funk, ambos cantantes eran una niña y un niño. Los datos analizados muestran que la cantante infantil tiene una cierta libertad de expresión, frente a los cantantes infantiles más observados, bajo una fuerte presión de la sociedad, aunque el contenido de estas canciones y la forma en que expone el cuerpo del niño no lo son. apropiado para cualquiera de ellos, independientemente de su género.

**PALABRAS CLAVE:** Infancia; Sexualidad; Funk ostentación; Erotización.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília. 2017.
- CÂMERA RECORD. MC Melody, MC Picachu e MC Brinquedo. **YouTube**, 14 maio. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8atAdCGnTZk>. Acesso em: 5 set. 2019.
- CASSEPP-BORGES, Vicente. Identificação dos adolescentes de hoje com a personagem de cinderela. **Boletim de Psicologia**, v. 57, n. 127, p. 239-254, 2007.
- COSTA, Marisa V. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. *In*: **LOPES, Alice C. e MACEDO, Elizabeth (Org.)**. Currículo: debates contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005b, p. 133-149.
- DUARTE, Natália Vera. **As questões de gênero e as representações da mulher na música funk**. 2016. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal Fluminense – Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), Niterói, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/27579713-As-questoes-de-genero-e-as-representacoes-da-mulher-na-musica-funk.html>. Acesso em: 6 set. 2019.
- FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Sexualidade e gênero: uma abordagem conceitual. *In*: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (Org.) **Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero**. Salvador: Helvécia, 2005. p. 9-20.
- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal. 1994.
- GIROUX, Henry A. A disneyzação da cultura infantil. *In*: SILVA, Tomaz T. da e MOREIRA, Antonio F. B. (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 49-81.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- MACÊDO, Goiácira Nascimento Segurado. **A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional**. 2003. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.
- MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e

produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, v. 28, n. 2, p. 58-72, 2020.

NETO, Felipe. **Reagindo ao MC Doguinha (Sério???)**. 2017. (11m51s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJhvi7KjpTA>. Acesso em: 9 set. 2019.

ORTEGA, Ricardo. MC Doguinha canta letras obscenas ao lado de adultos desde 9 anos e, aos 12, faz até 13 shows por semana. **G1 Notícias**, seção de Músicas, São Paulo, 9 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/noticia/mc-doguinha-canta-letras-obscenas-ao-lado-de-adultos-desde-9-anos-e-aos-12-faz-ate-13-shows-por-semana.ghtml>. Acesso em: 9 set. 2019.

PAVÃO, Karolina Sanches; FERRARI, Fernanda Bonizol. A mulher no funk: o caminho entre a exposição e o protagonismo. **Caderno de Projeto em Design de Moda**, v. 2, n. 2, 2019.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologia da informação e da comunicação. **Revista Estudos Culturais**, n. 1, 2014.

RANGEL, Patricia Luisa Nogueira; COELHO, Patricia Ferreira. TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. A Questão de Gênero no Movimento Funk: Empoderamento Feminino. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 3, p. 305-322, 2017. Disponível em: [https://www.filologia.org.br/xxi\\_cnlf/cnlf/cnlf03/022.pdf](https://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/cnlf03/022.pdf). Acesso em: 9 set. 2019.

RIBEIRO, Cláudia Maria; SANTOS, Silmara Aparecida dos. A problematização da heteronormatividade nas músicas do funk. *In*: VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero. **Anais...** Salvador, UFBA, 2012. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=A+PROBLEMATIZA%C3%87%C3%83O+DA+HETERONORMATIVIDADE+NAS+M%C3%9ASICAS+DO+FUNK+&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+PROBLEMATIZA%C3%87%C3%83O+DA+HETERONORMATIVIDADE+NAS+M%C3%9ASICAS+DO+FUNK+&btnG=). Acesso em: 7 set. 2019.

ROCHA, José Geraldo; CARDOSO, Rodrigo Correia. A aceitação do funk carioca como cultura. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, ano III, n. 1, p. 45-60, 2016. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/3437/2105>. Acesso em: 6 set. 2019.

SAAD, A. A. C. Gênero e poder: A difícil relação homem-mulher: as vicissitudes do convívio com as diferenças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 39, n. 3, p. 67-74, 2005. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=G%C3%AAnero+e+poder%3A+A+dif%C3%ADcil+rela%C3%A7%C3%A3o+homem-mulher%3A+as+vicissitudes+do+conv%C3%ADvio+com+as+diferen%C3%A7as&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=G%C3%AAnero+e+poder%3A+A+dif%C3%ADcil+rela%C3%A7%C3%A3o+homem-mulher%3A+as+vicissitudes+do+conv%C3%ADvio+com+as+diferen%C3%A7as&btnG=). Acesso em: 1 set. 2019.

SABAT, Ruth. Pedagogia Cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**. Florianópolis, ano 9, n. 1, p. 1-13, 2001. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:lyfBeVkG8OYJ:https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100002/8891+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 4 set.

2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica. 1987.

SENRA, Ricardo. Ministério Público abre inquérito sobre 'sexualização' de MC Melody. **G1 Notícias**, seção de Músicas, Londres, 24 abr. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2015/04/ministerio-publico-abre-inquerito-sobre-sexualizacao-de-mc-melody.html>. Acesso em: 2 set. 2019.

SOBRAL, Jacqueline. Mídia, infância e cotidiano: a ressignificação de conteúdos eróticos e sexuais por crianças em contextos populares. **Ponto-e-Vírgula : Revista de Ciências Sociais**, n. 16, p. 151-162, out. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/25250/18060>. Acesso em: 6 set. 2019.

SUBTIL, Maria José Dozza. Mídias, música e escola: práticas musicais e representações sociais de crianças de 9 a 11 anos. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 13, n. 13, p. 65-73, set. 2005. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/326/256>. Acesso em: 1 set. 2019..

VARGAS, Juliana Ribeiro de.; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. O funk ostentação como pedagogia cultural: música, consumo e a produção de subjetividades femininas na escola. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, 233-254, jan./abr. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/302066428\\_O\\_funk\\_ostentacao\\_com\\_o\\_pedagogia\\_cultural\\_musica\\_consumo\\_e\\_a\\_producao\\_de\\_subjetividades\\_femininas\\_na\\_escola](https://www.researchgate.net/publication/302066428_O_funk_ostentacao_com_o_pedagogia_cultural_musica_consumo_e_a_producao_de_subjetividades_femininas_na_escola). Acesso em: 05 set. 2019.

**Recebido:** 21/12/2019.

**Aprovado:** 30/09/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n44.11437.

**Como citar:** FERREIRA, Marta Claudiane; SILVA, Danielle Abreu; MATTOS, Rosilaine Silva de; SILVA, Aline Miranda; GONÇALVES, Josiane Peres. Gênero discursivo funk x estímulo sexual na infância: diferenças entre os gêneros feminino e masculino. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 248-262, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Marta Claudiane Ferreira

Rodovia MS 141, Km 04, Saída para Ivinhema, Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

